

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

ANO LECTIVO DE 1986-1987

Em 19 de Novembro de 1986, reuniu-se, na sala de seminário de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Coimbra, a assembleia-geral dos sócios da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, a fim de eleger a Direcção para o ano lectivo de 1986-1987.

O Tesoureiro cessante, Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, apresentou o relatório das contas do ano findo. O seu trabalho foi aprovado e louvado.

O Doutor José Ribeiro Ferreira encareceu o esforço da Direcção cessante e propôs a sua reeleição. Esta proposta foi aceite por unanimidade.

O Presidente reeleito, Doutor Américo da Costa Ramalho, agradeceu, em nome da Direcção, a confiança manifestada e estudou, em colaboração com os sócios, o programa de actividades a desenvolver ao longo do ano lectivo.

Na primeira sessão, realizada em 9 de Dezembro, o Doutor José Ribeiro Ferreira apresentou uma comunicação sobre *Os hecêmeros e a sua situação social*. Depois de esclarecer o significado do termo, procurou definir a origem e a situação económica desse grupo social, bem como as causas do descontentamento que estiveram na origem das lutas que levaram Sólon ao arcontado.

Intervieram na discussão final do trabalho a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, a Dr.^a Maria do Céu Zambujo Fialho, o Dr. Mário Nunes e alguns alunos.

Uma história de sogras e cortesãs ou o drama da incomunicabilidade em uma comédia antiga foi o tema desenvolvido pelo Doutor Walter de Medeiros na sessão de 21 de Janeiro de 1987. Através da análise da *Hecyra* e das suas figuras principais, mostrou alguns aspectos da luta de Terêncio contra o *mos maiorum* e os preconceitos sociais que conduzem ao isolamento e à infelicidade do ser humano.

O Dr. Simão Pires Diz falou, em 19 de Fevereiro, sobre *As cartas de Cataldo, como documento do primeiro humanismo em Portugal*. A correspondência trocada por Cataldo com figuras da alta nobreza, como os marqueses de Vila Real e D. Jorge, futuro duque de Coimbra, e com muitos outros, pertencentes à camada mais alta da administração, como os Alcáçovas e Carneiros, provam o grande interesse que existia na corte portuguesa de D. João II e de D. Manuel pela nova cultura dos humanistas.

Intervieram na discussão final do trabalho o Doutor Américo da Costa Ramalho e a Dr.^a Nair de Nazaré de Castro Soares.

Na sessão de 23 de Março, o Doutor Sebastião Tavares de Pinho apresentou uma comunicação sobre *André de Resende ao serviço do cardeal-infante D. Afonso*. Começou por evocar a formação cultural do humanista, adquirida a princípio em Lisboa e depois, já adolescente e adulto, durante vinte anos, nos melhores centros universitários da Europa do seu tempo, até ao regresso definitivo a Portugal em 1533. A sua actividade passou então a desenvolver-se ao serviço da corte portuguesa, na dependência do cardeal-infante D. Afonso, então administrador da diocese de Évora, como mestre dos infantes seus irmãos e, também, em encargos religiosos. O Doutor Sebastião Pinho recordou vários episódios em que André de Resende fala da colaboração prestada ao cardeal-infante e o estímulo e protecção que dele recebeu; e salientou a participação do humanista em trabalhos do sínodo diocesano de Évora, em que foi encarregado de pregar o sermão de abertura. Fez uma minuciosa análise desta bela peça de oratória latina, que testemunha as preocupações reformistas que alimentaram os verdes anos de André de Resende no ambiente erasmista dos Países-Baixos. Concluiu sublinhando o precioso contributo que o humanista ofereceu ao trabalho de renovação cultural e pastoral que o cardeal-infante desenvolveu no bispado de Évora.

Intervieram na discussão final do trabalho os Doutores Américo da Costa Ramalho e José Galdes Freire e o Dr. Telmo Verdelho.

De importantes *Ruínas romanas na Jugoslávia: o palácio de Diocleciano em Split* se ocupou, na sessão de 5 de Maio, a Doutora Maria de Fátima de Sousa e Silva. Com a ajuda de numerosos diapositivos, recolhidos durante uma viagem à Dalmácia, mostrou a situação privilegiada de *Spalatum* na costa adriática, o seu desenvolvimento urba-

nístico através dos séculos, os elementos arquitectónicos sobreviventes da grande mansão imperial e os edifícios cristãos, os palácios venezianos e as casas mais recentes que modificaram, sem o apagarem totalmente, o traçado primitivo da construção romana.

O êxito, em Portugal e no estrangeiro, do romance *A casa do pó*, obra de um antigo aluno da Faculdade de Letras de Coimbra, o Dr. Fernando Campos, hoje professor de Humanidades na escola secundária Pedro Nunes, de Lisboa, levou a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos a convidar o seu autor a fazer uma exposição sobre os motivos que o haviam induzido a escrever o livro e os materiais históricos utilizados na sua elaboração. Na sessão de 21 de Maio, o Dr. Fernando Campos, depois de evocar com saudade os seus tempos de estudante coimbrão, falou *A propósito de Frei Pantaleão de Aveiro e de «A casa do pó»*. Disse dos estudos que empreendera para tentar esclarecer o mistério que rodeia a figura de Frei Pantaleão de Aveiro e da decisão que tomara de o romper através de uma hipótese desenvolvida não em uma obra de história, mas em uma obra de ficção.

O escritor respondeu depois a numerosas perguntas que, sobre a construção do romance, lhe foram dirigidas por professores e alunos.

As actividades do ano lectivo encerraram-se, em 15 de Julho, com uma visita à casa de Sobre-Ripas, onde se encontra presentemente instalado o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. A visita foi orientada pelo Doutor Jorge de Alarcão, director do referido Instituto.

ANO LECTIVO DE 1987-1988

Em conformidade com os estatutos, reuniu-se, em 26 de Novembro de 1987, na sala do seminário de Filologia Clássica da Faculdade de Letras, a assembleia-geral dos sócios, a fim de eleger a Direcção para o ano lectivo de 1987-1988.

O Tesoureiro cessante, Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, apresentou o relatório das contas do ano lectivo transacto. O trabalho foi aprovado e louvado.

Procedeu-se, em seguida, à eleição da nova Direcção. Por proposta do Dr. Carlos Ascenso André, aprovada por unanimidade, foi reeleita a Direcção do ano lectivo anterior, com excepção do Tesoureiro, Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, que, por motivo de saúde, pediu a exoneração do cargo. Para o seu lugar foi escolhida a Doutora Maria de Fátima de Sousa e Silva.

O Presidente reeleito, Doutor Américo da Costa Ramalho, agradeceu, em nome da Direcção, a confiança assim testemunhada; e apresentou e acolheu propostas para a elaboração do programa de actividades do ano lectivo. O Doutor José d'Encarnação ficou encarregado de organizar a visita de estudo (zonas arqueológicas de Lisboa e de Sintra).

Na sessão de abertura, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira apresentou uma comunicação sobre *O Jardim das Hespérides*. Depois de analisar alguns mitos gregos de belas terras distantes, situou entre estes, e não nos locais referentes a um além feliz, o Jardim das Hespérides. A presença das ninfas e os elementos da paisagem em que viviam foram estudados e interpretados à luz de textos literários (com especial relevo para um dos novos fragmentos da *Gerioneida* de Estesícoro e para duas odes corais de Eurípides, uma do *Hipólito*, outra do *Hércules furioso*) e de representações artísticas da escultura e da cerâmica gregas. Fez em seguida uma breve história das tentativas de localização geográfica do mito na Antiguidade greco-latina e acrescentou-lhes exemplos do Renascimento português, tirados de João de Barros, Duarte Pacheco Pereira, Camões, D. João de Castro, que mostram a preocupação de identificar os novos sítios descobertos com terras descritas pelos clássicos. Tentou, por último, encontrar uma razão para a fixação desta utopia nas ilhas de Cabo Verde.

António Luís, crítico de Erasmo foi o tema versado pelo Doutor Américo da Costa Ramalho na sessão de 20 de Janeiro de 1988. O manuscrito de António Luís — que se intitula *Annotationes aliquorum locorum in quibus hallucinatus est Erasmus in transferendo Galeni libello qui inscribitur Exhortatio ad bonas artes* (reproduzido fotograficamente pelo Doutor Pina Martins em *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Gulbenkian, 1973, 283-289) — foi escrito em 1548, doze anos após a morte de Erasmo, e pretende criticar a *Exhortatio ad artium liberalium studia*, tradução latina, feita pelo

humanista de Roterdão, de um opúsculo de Galeno. O Doutor Costa Ramalho mostrou, com exemplos, que António Luís, bom conhecedor da bibliografia médica de Galeno, não soube usar plenamente, para criticar a versão erasmiana, do privilégio que lhe advinha de ser médico também. Embora, num ou noutro caso, possa ter razão, não conseguiu provar, como era seu propósito (a julgar pelas ironias com que abre a sua carta), que Erasmo era fraco helenista. E a verdade é que se não atreveu a publicar a crítica (que ficou em manuscrito na biblioteca da Ajuda).

Intervieram na apreciação final do trabalho os Doutores Maria Helena da Rocha Pereira, José Maria da Cruz Pontes e Aníbal Pinto de Castro e o Dr. Telmo Verdelho.

A sessão de 10 de Fevereiro foi consagrada a um debate sobre o Projecto de reforma do ensino, especialmente no tocante à posição do latim e do grego.

Depois de breves introduções dos Doutores Costa Ramalho (*Posição do Latim no Projecto de Reforma do Ensino Secundário*) e Maria Helena da Rocha Pereira (*Relatório de um grupo de trabalho* [1984]), a Dr.^a Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel (1), pela Faculdade de Letras de Lisboa, e o Dr. Carlos Ascenso André, pela Faculdade de Letras de Coimbra, expuseram as suas divergências em relação ao projecto. Foram principalmente criticados os seguintes aspectos: 1) as graves deficiências que se observam na formação e preparação dos alunos, vítimas da acentuada quebra de qualidade do ensino ministrado; 2) os inconvenientes do professor generalista, encarregado de assegurar a docência simultânea de Português / Língua Estrangeira ou Português / História e Geografia; 3) a instrumentalização da língua em detrimento da fruição literária (com o desaparecimento da Literatura em benefício de uma vaga Cultura); 4) a substituição da Filosofia por uma História das Ideias e da Cultura; 5) a não-obrigatoriedade da segunda língua estrangeira, que, além da menorização intelectual dos discentes, iria criar sérias dificuldades à utilização da bibliografia exigida no ensino superior; 6) o confinamento do latim e do grego à variante de Cultura Clássica, quando as duas línguas (parti-

(1) A sua comunicação, que se intitula «Que futuro para o latim e o grego à luz da Proposta?», foi publicada integralmente em *Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, n.º 15 (Maio de 1988), pp. 107-117.

cularmente o latim) são elementos indispensáveis à formação integral do homem em todos os ramos do saber.

Apoiaram estas críticas, no seu conjunto ou parcialmente, os Doutores Américo da Costa Ramalho e Victor Jabouille, as Dr.^{as} Isaltina Figueiredo Martins e Maria de Fátima Rocha Bóia e a aluna Maria do Rosário Nunes Rebelo; a Dr.^a Maria Teresa Almeida Gouveia Geraldês Freire indicou, no entanto, alguns aspectos positivos do Projecto, que responderia a uma necessidade de mudança, sentida pelos próprios alunos.

Por unanimidade, considerou-se essencial, para a hipótese de se manter o esquema de áreas no ensino secundário: a) assegurar a obrigatoriedade do latim, durante três anos, na variante de Cultura Clássica e nos demais cursos do sector humanístico; b) leccionar o grego, como disciplina obrigatória, durante três anos, na variante de Cultura Clássica e alargar o seu carácter opcional a todas as outras áreas do sector humanístico.

Na sessão de 2 de Março, o Doutor João Pedro Mendes falou sobre *A retórica e a educação: dos antigos aos modernos*. Começou por observar que a época helenística, representada sobretudo pelos *Diálogos* de Platão, a obra teórica de Aristóteles e os discursos de Isócrates, atribuiu à retórica a maior importância. A análise do conceito de retórica nesses autores, quer a nível teórico, quer a nível da realização do discurso, deu origem à definição do orador e seu papel, principalmente nos quadros da argumentação do discurso epidíctico. O orador está muito próximo do educador, porta-voz dos valores reconhecidos como tais e julgados dignos de guiarem a acção e a conduta humanas. O Doutor João Pedro Mendes lembrou, por último, que os teóricos actuais, da nova retórica americana, preocupados em distinguir entre educação e propaganda, a fim de atingirem cabalmente os objectivos de cada uma delas — se apoiam nos mesmos postulados da retórica clássica, que atribui ao orador, no dizer do Arpinate, a função de *monere, docere e delectare*.

Intervieram na discussão final do trabalho os Doutores Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira e os Drs. Nair de Nazaré de Castro Soares, Maria Teresa Schiappa de Azevedo e John Havela.

A Dr.^a Regina Anacleto ocupou-se, na sessão de 27 de Abril, de *A arquitectura neoclássica em Portugal*. Mostrou que, no nosso país,

o desenvolvimento da arquitectura neoclássica se revestiu de características específicas e esteve longe de assumir a função ideológica que desempenhou na restante Europa, com especial relevo para a França. Os modelos seguidos apresentam pólos difusores bem marcados, a Inglaterra e a Itália: o que facilmente se compreende se pensarmos nos diversos tipos de relações mantidas, ao longo dos séculos, com o nosso mais velho aliado e na acção desenvolvida por alguns bolseiros portugueses que estudaram arquitectura na cidade dos papas. Com a ajuda de numerosos diapositivos, atentamente comentados, a Dr.^a Regina Anacleto analisou o surgimento e a evolução da arquitectura neoclássica em Portugal, o período cronológico em que se desenvolveu, a gramática estilística que lhe serviu de suporte e os locais onde obteve mais fácil implantação. Procurou, além disso, delinear a ponte que se estabeleceu entre este tipo de arquitectura e a sociedade, a economia e a mentalidade da época.

Uma carta de André de Resende reconstituída foi o tema versado pela Dr.^a Virgínia Soares Pereira na sessão de 31 de Maio. Começou por lembrar que André de Resende se queixava frequentemente de que o seu valor não era reconhecido e de que alguns homens de letras utilizavam, sem indicarem a proveniência, os resultados da sua investigação histórico-arqueológica. No entender da Dr.^a Virgínia Pereira, o eborense pode ter razão em alguns casos pontuais (como o de Gaspar Barreiros ou o do espanhol D. Diego Covarrubias), não assim no de João Vaseu, humanista flamengo que passou alguns anos em Portugal, de quem André de Resende foi amigo, e que na obra do português colheu muitas achegas para o seu *Chronicon Hispaniae*, publicado em Salamanca em 1552. Nesta obra, de facto, lêem-se muitas referências elogiosas a André de Resende e, além disso, a transcrição de dois trechos de uma carta do humanista eborense (o primeiro dos quais constitui a carta vulgarmente conhecida por *De aere Hispanorum*). Com base na análise de ambos os extractos e através de várias achegas, a Dr.^a Virgínia Pereira provou que a carta transcrita nos ff. 55v-56v do *Chronicon Hispaniae* (a *De aere Hispanorum*) tem continuação no extracto da carta publicada nos ff. 64v-65v da mesma obra. Por ter tido maior divulgação, só o primeiro extracto é geralmente conhecido; menos afortunado, o segundo caiu no esquecimento.

Intervieram na apreciação do trabalho os Doutores Américo da Costa Ramalho e Sebastião Tavares de Pinho.

Realizou-se em 29 de Outubro a visita de estudo que encerra, todos os anos, o programa de actividades da Associação e que, desta vez, tinha como objectivo as zonas arqueológicas de Lisboa e de Sintra. Participaram mais de cinquenta associados, vindos de Coimbra e de outros pontos do país. Ao Doutor José d'Encarnação coube o trabalho de organização e direcção geral da visita.

Em Lisboa, os associados começaram por visitar o Museu da Cidade (ao Campo Grande), onde, através da projecção de diapositivos, a arqueóloga Dr.^a Ana Cristina Leite lhes mostrou alguns vestígios da *Felicitas Iulia*: as cetárias para a salga do peixe, descobertas nas obras da Casa dos Bicos; a barragem de Belas, de onde partia o aqueduto de abastecimento da cidade; e o criptopórtico (as chamadas "termas da rua da Prata") que sustentava, na zona ribeirinha, as edificações do município. Percorreram depois as salas do museu e apreciaram, além de numerosas inscrições romanas, outras peças mais recentes do seu valioso espólio. A Dr.^a Ana Cristina Leite acompanhou também os associados na visita ao teatro romano, situado na vertente sul da colina do castelo de São Jorge. As escavações revelaram uma parte da cena e da orquestra. Em arrecadação anexa guardam-se elementos arquitectónicos que comprovam a grandeza do edifício, construído no princípio da época imperial.

Em Sintra, a Câmara Municipal ofereceu, no palácio Valenças, um almoço volante. Deram as boas vindas aos associados o Dr. José Cardim Ribeiro, director dos Serviços Culturais do município, e o Dr. Hélvio Melim de Sousa, técnico dos mesmos Serviços. Agradeceu, em nome da A. P. E. C., o Doutor José Geraldês Freire, que ofereceu à biblioteca da Câmara Municipal algumas publicações do Instituto de Estudos Clássicos e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. O Dr. Cardim Ribeiro retribuiu com a oferta do primeiro volume da revista municipal *Sintria*. Seguiu-se uma visita às antiguidades pré-históricas e romanas do Museu Regional.

Depois de breve paragem na capela medieval de São Mamede de Janas, os associados chegaram a São Miguel de Odrinhas, onde lhes foram mostrados a villa romana, um edifício de ábside, a necrópole da alta Idade Média e a importante colecção lapidar do museu arqueológico anexo.

W. M.

II SIMPÓSIO NACIONAL DE HUMANISMO ERASMO NA CULTURA PORTUGUESA

Organizado pela Academia de Ciências de Lisboa e tendo como Secretário Geral e principal dinamizador o Senhor Prof. Doutor José V. de Pina Martins, decorreu em Lisboa, de 25 a 28 de Maio de 1987, o II Simpósio Nacional de Humanismo, subordinado ao tema ERASMO NA CULTURA PORTUGUESA.

Neste encontro cultural, importa realçar desde já a valiosíssima exposição bibliográfica organizada pela Biblioteca Nacional — e que pôde ser acompanhada pelo catálogo atempadamente publicado — e nesta, para além do valor das obras expostas, merece ainda uma palavra especial o gosto com que elas foram seleccionadas e dispostas na sala e o cuidado posto na sua boa conservação que se concretizou, por exemplo, na escolha de um esquema de iluminação adequado.

No que se refere às conferências, parte essencial deste Simpósio, e sem de modo algum pretendermos menosprezar os outros conferencistas, sejam-nos permitidas duas referências especiais: a primeira é para a presença do Prof. Doutor Jean-Claude Margolin, profundo conhecedor da temática erasmiana; a segunda vai para a presença de quatro jovens investigadores, a saber: Maria de Lourdes Correia Fernandes, da Universidade do Porto; Carlos Ascenso André, da Universidade de Coimbra; Francisco Bettencourt e Diogo Ramada Curto, ambos da Universidade Nova de Lisboa. Todos estes conferencistas apresentaram exposições claras e vivas e de uma profundidade científica que não poderíamos deixar de mencionar.

No seguimento do que já tinha acontecido no I Simpósio, mais uma vez o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, assumiu um papel de relevo com a participação dos seus investigadores. Assim, foram-lhe confiadas várias conferências — um terço do total — nas pessoas dos Senhores Prof. Doutores Américo da Costa Ramalho, José Maria da Cruz Pontes, Jorge Alves Osório e Sebastião Tavares de Pinho e do já mencionado Dr. Carlos Ascenso André. Participaram ainda, como assistentes e secretários de algumas sessões as Dr.^{as} Nair de Nazaré Castro Soares e Virgínia Soares Pereira, para além do signatário desta notícia.

Ora, já que falámos em assistência, importa referir que, na nossa opinião, foi esse o principal ponto fraco deste Simpósio. De facto, o número de assistentes às diversas sessões foi sempre muito reduzido e, embora se possa argumentar que isso contribuiu em parte para os debates bastante animados que se seguiram às exposições, pensamos, contudo, que uma assistência mais numerosa em nada prejudicaria o Simpósio, antes o poderia enriquecer com mais contributos nos debates finais.

Julgamos que a pouca afluência de público, necessariamente reduzido e especializado, se ficou a dever a uma deficiente propaganda prévia deste Simpósio, pois deu-se o caso de alguns docentes da Universidade Clássica de Lisboa só terem conhecimento da sua realização quando viram que se estava a inaugurar a exposição bibliográfica na Biblioteca Nacional.

Com vista a futuras realizações — e aqui fica a nossa sugestão — poder-se-ia obviar a tal falta com o envio de alguns cartazes para as diversas Universidades, nomeadamente para os Departamentos que se dedicam à investigação nas seguintes áreas: Estudos Clássicos, Estudos Humanísticos, História e Teoria das Ideias e Línguas e Literaturas, entre outras.

A terminar, não podemos deixar de exprimir as nossas felicitações à Academia das Ciências de Lisboa e, de um modo especial, ao Senhor Prof. Doutor José V. de Pina Martins, por terem organizado com a maior competência este Simpósio. Resta-nos aguardar pelo III Simpósio e esperar que, em breve, sejam publicadas as *Actas* do II, para que os trabalhos apresentados a um pequeno número possam chegar ao conhecimento de todos os investigadores que se interessam por esta temática.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

CONGRESSO INTERNACIONAL

AS HUMANIDADES GRECO-LATINAS E A CIVILIZAÇÃO DO UNIVERSAL

Momento alto no panorama cultural português foi, sem dúvida, a realização, em Coimbra, de 11 a 16 de Abril de 1988, deste Congresso Internacional que teve como presidente de honra a grande personalidade de humanista Leopold S. Senghor.

A organização, a cargo do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e da Association Archives du xx^e Siècle de Paris, teve como presidente da Comissão Executiva a Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

O interesse e a actualidade do tema ficaram bem patentes na adesão dos participantes, para cima de três centenas, e a sua projecção evidenciada pela presença, na sessão de abertura, do Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Comunicações de alto nível científico ali foram apresentadas por especialistas das mais variadas partes do mundo, num vasto programa que incluiu uma Exposição Bibliográfica na Biblioteca Geral da Universidade, uma visita às ruínas romanas de Conimbriga e um concerto de órgão no Palácio de S. Marcos.

Os temas abrangiam as mais diversas áreas no campo da antiguidade clássica e do humanismo: a contribuição do século XIX para a apreciação do mundo antigo, a permanência da cultura clássica, tradição e modernidade, pensamento e humanismo, Igreja e latinidade. Tivemos oportunidade de ouvir o Prof. M. Amorós, da Univ. de Tóquio, falar da «Cultura greco-latina e o Japão», cuja influência se inicia nos séculos XVI-XVII através dos missionários portugueses e italianos; o Prof. Pinto Bull, da Guiné-Bissau, analisou o tema do «Humanismo Greco-Latino face à África»; C. Montemayor, do México, falou-nos sobre as humanidades greco-latinas e o México e o Prof. Gladstone Chaves de Melo, da Universidade Federal Fluminense, sobre a «Presença da Antiguidade na obra de Machado de Assis».

Sobre a presença greco-latina ao longo dos tempos falaram os Profs. G. Pascucci (Univ. de Florença), «Contribution du XIX^e siècle au progrès des humanités greco-latines», C. Minguet (Univ. de Paris X) «Le monde antique et l'Amérique Latine au XIX^e siècle», Costa Ramalho

(Univ. de Coimbra) «A literatura novilatina em Portugal entre 1485 e 1537». Amadeu Torres (Univ. de Braga) tratou do historiógrafo latino peninsular Paulo Orósio e o Prof. Geraldês Freire (Univ. de Coimbra) versou o tema «Da filologia clássica à filologia cristã e ao latim tardio». Incidindo mais sobre a actualidade, o Prof. Rosado Fernandes (Univ. de Lisboa) apresentou uma interessante reflexão sobre o homem antigo e o homem de hoje perante a natureza, a técnica e o progresso, J. Imbert (Univ. de Paris) focou o problema do lugar do direito romano no pensamento jurídico moderno, o prof. V. Pöschl (Univ. de Heidelberg) analisou as causas da recessão das línguas antigas e o Prof. Grimal (Sorbonne) falou sobre a óptica contemporânea no estudo dos clássicos.

Quanto às relações entre a Igreja e a latinidade, interessantes comunicações foram apresentadas pelos Profs. R. Schilling, da Universidade de Estrasburgo, Gnika, de Münster, A. Melloni da Universidade de Bolonha, G. Dorival, da Universidade de Tours, e por Dom J. Claire, da Abadia de Solesmes, que nos falou do latim e do canto gregoriano.

Da Universidade de Chicago veio a comunicação do Prof. Adkins que dissertou sobre a filosofia greco-latina e suas influências em filósofos posteriores; o Prof. Tsagarakis, representando a Universidade de Creta, falou sobre Homero e os estudos clássicos e E. Cizek, Universidade de Bucareste, apresentou uma comunicação com o título «Pour une nouvelle histoire de Rome. Pour une nouvelle histoire de la littérature latine».

Outras comunicações foram escutadas com igual atenção pelos participantes, quer as dos especialistas estrangeiros como A. Dovi N'Danu-Alipui da Conferência Episcopal do Togo, J.-P. Bassenne, do Senegal, U. Bauzá, de Buenos Aires, quer as dos especialistas nacionais como a Prof.^a Maria Helena Ureña Prieto, da Universidade de Lisboa, ou do Prof. M. Baptista Pereira, da Universidade de Coimbra, que nos falou sobre a forma como se manifesta a presença da filosofia antiga no pensamento contemporâneo.

No último dia dos trabalhos, pudemos apreciar como os temas clássicos influenciam os poetas modernos, com a presença de Sophia de Mello Breyner que leu alguns dos seus poemas onde a reminiscência clássica é mais notória.

A última intervenção pertenceu a A. Segala, da Association Archives du XX^e siècle, que nos deu conta do programa da sua

associação e da forma como ela contribui para o estudo e difusão da cultura clássica.

Enfim, uma semana de trabalhos que nos mostrou de que modo «as humanidades greco-latinas são um laço cultural entre diversos países», como se pode ler nas conclusões apresentadas na sessão de encerramento que contou com a presença do senhor ministro da Educação, Prof. Doutor Roberto Carneiro.

Das conclusões destaca-se:

«O Congresso reconheceu a validade permanente das línguas e culturas clássicas como sinal de identidade dos países europeus, porquanto lhes permitem, sem deixar de conservar o seu lugar ao lado de outras culturas, dialogar e harmonizar-se com elas no plano universal.

O Congresso considera também que a salvaguarda dos valores culturais transmitidos pelas línguas clássicas se impõe cada vez mais perante uma civilização que não pode ser exclusivamente tecnológica.»

Todas as comunicações apresentadas podem agora ser lidas e apreciadas por quantos se interessam por estas matérias, nas Actas do Congresso, já publicadas.

ISALTINA MARTINS

SOBRE OS CABEDOS, POETAS NOVILATINOS

No meu livro *Para a História do Humanismo em Portugal: I*, p. 84, citei o Ms. 1311 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, onde se fala dos Cabedos e da sepultura que, para recolher os seus restos mortais e os dos seus familiares, mandou fazer o jurista e poeta novilatino Miguel de Cabedo em Santa Maria da Graça, de Setúbal.

No referido manuscrito se lê: «E para ella (sepultura) mandou tresladar os ossos de seu pai e maj Jorge de Cabedo Etareja pinr^a Ede seus irmãos manol de Cabedo di.^o de Cabedo ant^o de Cabedo E de sua irmam dona lianor molher que foi de João Gomes de Lemos Sor da trofa.»

Preparando uma visita de estudo da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos à Trofa do Vouga, para aí admirar a estátua orante de Duarte de Lemos, o irrequieto guerreiro da Índia (onde muito deu que fazer a Afonso de Albuquerque) e colonizador do Brasil, li o livro de Aarão de Lacerda, *O Panteom dos Lemos*, Edição do Autor, Porto, 1928. Belo livro, muito bem impresso e enriquecido de magníficas fotografias, tiradas pelo competente historiador de Arte e não menos hábil fotógrafo que foi Aarão de Lacerda!

Em «Nota Final», na p. 93 e seguintes, vem citado um manuscrito da Casa de Bemposta onde se diz que João Gomes da Silva, primogénito de Duarte de Lemos, casou com D. Leonor Pinheiro, irmã de D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu.

Há aqui confusão. Na verdade, esta D. Leonor que casou com João Gomes de Lemos, 4.º senhor da Trofa, filho do Duarte de Lemos, 3.º senhor da Trofa, acima referido, é filha de D. Teresa Pinheira, irmã de D. Gonçalo, e de Jorge de Cabedo, portanto, sobrinha e não irmã do bispo de Viseu. E é, isso sim, irmã do poeta novilatino António de Cabedo, bacharel em Cânones, que foi prior da Trofa, domínio de seu cunhado, João Gomes de Lemos. E outrossim irmã do também jurista e poeta novilatino Miguel de Cabedo. A este respeito, consultar a sinopse dos Cabedos-Vasconcelos, genealogia esquematizada e simplificada, que publiquei no livro atrás citado, página 85.

Também por um documento citado em *O Panteon dos Lemos*, p. 70, se fica a saber que António de Cabedo era prior da igreja do Salvador da Trofa, já em 19 de Setembro de 1550, portanto, antes da sua formatura em Cânones, na Universidade de Coimbra, em 16 de Julho de 1554.

A. COSTA RAMALHO

LATIM RENASCENTISTA NO BRASIL

Do curso sobre Latim Renascentista que dei na pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1976 e 1977, a professores e assistentes que preparavam o seu doutoramento, resultaram até agora três teses.

A primeira, da Prof.^a Marilda Evangelista dos Santos Silva, com o título de *A vertente épica em Miguel de Cabedo*, já estava em marcha, quando regresssei a Portugal em Novembro de 1977. Foi apresentada em 1980.

A segunda, do Prof. Luís Carlos Stamato Marcelino de Carvalho, foi objecto de várias sessões de trabalho nos últimos meses da minha permanência no Rio, e o seu autor veio concluí-la em Coimbra, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Tem por título *A oração de Cataldo em Bolonha. Sua permanência na oratória do século XVI* e foi apresentada no segundo semestre de 1980.

A terceira, do Prof. António Carlos Kalil Tannus, intitula-se *Um poeta latino do século XVI: António de Cabedo* e o seu autor veio igualmente concluí-la no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra onde, na Primavera de 1988, tive o gosto de recebê-lo e orientá-lo. Foi também bolseiro da Fundação Gulbenkian. A sua tese foi julgada em Dezembro de 1988.

Os três estudiosos brasileiros do Humanismo em Portugal obtiveram no exame de Doutoramento a classificação máxima. Trata-se, na verdade, de três bons latinistas, cujo ensino muito prestigia a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, considerada uma das melhores escolas de Humanidades do Brasil.

A. C. R.

MANUEL FERNANDEZ GALIANO (1918-1988)

Conheci Fernández-Galiano em Oxford, por sermos vizinhos de mesa numa das salas de leitura da Bodleian Library, aí por 1948 ou 1949. Já então era um estudioso sério e compenetrado da sua missão universitária, além de um modelo de cordialidade e boas maneiras.

A nossa amizade continuou por muitos anos, sendo o intercâmbio de livros e artigos mais intenso na fase em que me dediquei de preferência à língua e cultura gregas. Recordo-me de ter ele recenseado alguns dos meus trabalhos iniciais.

Da sua abundante bibliografia, lembro aqui os três volumes da edição bilingue da *República* de Platão, e o volume das *Leyes*, obras que publicou em colaboração com o seu antigo mestre Jesus Pabón. E ainda a edição comentada das *Olimpicas* de Píndaro e, nos «Cuadernos de la Fundación Pastor», aquela *Safo* onde ressaltam a acribia e bom gosto do investigador. Frequente foi também a sua colaboração em trabalhos de grupo, como os *Biblia Polyglotta Matritensis*.

O Professor Manuel Fernández Galiano tornou-se, assim, sem favor, um dos obreiros do actual florescimento dos estudos helénicos em Espanha.

A última vez que nos encontramos (como o tempo passa!) foi em Março de 1981, quando, por convite seu, fiz em Madrid, na Fundación Pastor de Estudios Clásicos, de que era Presidente, duas conferências, uma sobre «Estudios Clásicos em Portugal» e outra sobre «Humanismo em Portugal».

Sirvam estas palavras de singela memória de um colega que muito admirei e de um amigo, cuja fidelidade pude comprovar, *cum tempora essent nubila*.

A. C. R.

RENASCIMENTO ITALIANO

A universidade americana de Yale, em New Haven, no estado de Connecticut, comprou a um antiquário suíço a documentação dos Spinelli, uma família de banqueiros florentinos da época do Renascimento, que teve os papas entre os seus clientes. Segundo um professor da Yale University, temas como a Florença do Renascimento, as finanças do Papado, incluindo os dinheiros das indulgências, e muitas outras questões, não só religiosas, mas também económicas, sociais e políticas, ficam agora mais acessíveis ao exame dos historiadores. É que são mais de cento e cinquenta mil documentos...

A. C. R.

NOVAS ESCAVAÇÕES NA TRÓADE

No domínio da arqueologia grega, as novidades espectaculares têm-se acumulado nos últimos anos. Os achados de Vergina, sobretudo a partir de 1977 (cf. a notícia dada nesta revista, XXXV-XXXVI, 1983-1984, pp. 411-412) e, na mesma década, os de Lefkandi — o primeiro relativo aos reis da Macedónia, o segundo a um *heroon* do séc. x a.C. — vieram alterar muito do que se julgava saber sobre dois extremos cronológicos da história grega.

Entretanto, a partir do final de 1981, recomeçaram as escavações na Tróade, sob a direcção do professor de Pré- e Proto-história da Universidade de Tübingen, Manfred Korfmann. O conhecimento dos resultados desses trabalhos, feitos com a prudência e com a precisão que a actual formação e meios técnicos permitem aos arqueólogos de hoje, tem estado, no entanto, confinado a um estreito círculo de especialistas europeus e americanos da mesma área, e só agora começa a difundir-se, graças sobretudo ao Prof. Joachim Latacz, em artigo acabado de publicar na revista *Gymnasium*, de Heidelberg, 95 (1988) 385-413, do qual tomámos muitas das informações que se seguem.

Trata-se de uma expedição que parte para uma finalidade bem diferente da de Schliemann: não para «verificar» Homero, mas para reconstituir as relações entre a Europa e a Ásia, na Idade do Bronze, no seu grande ponto de contacto que era a entrada dos Dardanelos.

Assim se compreende que as escavações tenham começado na Baía de Beşik, a cerca de 7 km a sudoeste da cidadela de Hissarlik, em frente à ilha de Tenedos. Aí, mesmo à entrada do estreito, e não a norte, como pensara Schliemann, é que devia ser o lugar propício para aguardar a passagem, enquanto o habitual vento do nordeste soprasse forte (o mesmo que levava a qualificar Tróia de «ventosa») e quando a corrente de superfície vinda do Mar da Mármara entrava no Egeu. Nessa zona, portanto, vieram a descobrir-se restos do terceiro e segundo milénios a.C., bem como cerâmica micénica. Em 1983, escavou-se o chamado Túmulo de Aquiles, que aliás se revelou como provável construção helenística. Nos anos seguintes, apareceu um vasto cemitério do séc. XIII a.C., ou seja, contemporâneo da Guerra de Tróia da tradição. A grande surpresa residia, não só na opulência da população, mas sobretudo na prática da cremação, usada também no Canto XXIII da *Iliada*, onde era tida como exemplo

de sobreposição de épocas (recorde-se, de passagem, que em Lefkandi coexistem inumação e cremação). O facto coaduna-se perfeitamente com o que se sabia de outro povo da Ásia Menor, os Hititas.

Em 1986, descobre-se a *polis* de *Achilleion*, que se sabia fundada pelos Lésbios no séc. VII a.C..

Diversos achados do Micénico Antigo, semelhantes a outros encontrados no Cáucaso, provam que as relações comerciais entre o Mar Negro e o Egeu passavam por Tróia, através da rota dos Dardanelos. «Sob este aspecto, presentemente ainda não habitual para a ciência da Antiguidade Clássica, centrada no espaço cultural da Europa ocidental, de um comércio marítimo já solidamente estabelecido no segundo milénio a.C. através dos estreitos, terá de se repensar a função de Tróia no sistema económico da cultura palaciana europeia-microasiática da Idade do Bronze Média e Recente ... Os indícios concorrem, nesta data, de todos os lados, para uma posição-chave económica de Tróia» — escreve J. Latacz no artigo citado, p. 411. Por isso, continua, não deve haver dúvidas de que existiu não uma só, mas muitas Guerras de Tróia, e «que os habitantes de Tróia sempre contavam com isso, demonstram-no já as gigantescas fortificações que eles sempre voltavam a considerar necessárias».

Pouco mais de um século volvido sobre o início das escavações por Schliemann, a chamada «Questão de Tróia» entrou, por conseguinte numa nova via, da qual há, sem dúvida, muito a esperar.

M. H. ROCHA PEREIRA

CURSOS DE MESTRADO EM LITERATURAS CLÁSSICAS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Em 1985-1987, voltou a funcionar o curso de Mestrado em Literaturas Clássicas, desta vez com as matérias agrupadas em dois grandes temas: a Tragédia Grega, por um lado, a Ode, por outro. O primeiro subdividiu-se em dois cursos semestrais, um sobre *As Coéforas de Ésquilo*, a cargo do Doutor Manuel de Oliveira Pulquério; outro sobre *As Troianas de Eurípides*, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. O segundo constava de um curso anual sobre *A ode latina renascentista*

em Portugal, dado pelo Doutor Américo da Costa Ramalho e pelo Doutor Sebastião Tavares de Pinho; e de três cursos semestrais, sobre *A ode horaciana*, pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros, sobre *Hinos e odes na literatura latina medieval portuguesa*, pelo Doutor José Geraldes Freire, e sobre *A ode na poesia portuguesa (Renascimento e Maneirismo)*, pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro.

Em 1987, principiou novo curso do mesmo Mestrado, com duas disciplinas anuais, o *Orestes de Eurípides*, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, e *O epigrama em latim em Portugal*, pelo Doutor Américo da Costa Ramalho; e três semestrais, *O epigrama de Marcial: temática, intenções e realização*, pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros, *A poesia em latim na Idade Média em Portugal*, pelo Doutor José Geraldes Freire, e *A elegia na poesia portuguesa do Renascimento e do Maneirismo*, pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro.

M.H.R.P.

CURSO DE HISTÓRIA ANTIGA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Organizado pelas Prof. Norma Musco Mendes e Neyde Theml, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, decorreu, durante todo o mês de Outubro de 1988, um curso de extensão sobre «História e modelos teóricos (História Antiga)», por dois especialistas franceses da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, Claude Mossé e Jean Claude Gardin. A Prof. Claude Mossé estruturou o seu programa em volta de «A noção de modelo aplicado ao estudo das sociedades antigas»; o Prof. Jean Claude Gardin ocupou-se de «Sistema experts e ciências humanas — aplicação na História».

M.H.R.P.

CEM ANOS DE ESTUDOS LATINOS

Diversas Universidades europeias festejaram ou estão para festejar os seus já muitos centenários: os novecentos anos de Bolonha, os seiscentos de Heidelberg, seguidos, três anos depois, por outros tantos de Colónia; em breve virão os setecentos anos de Coimbra.

Quanto a Groningen, a segunda mais antiga da Holanda (fundada em 1614), prepara-se para celebrar o 75.^o lustro com diversas actividades. Entre elas, uma que toca de perto aos classicistas: o Departamento de Latim Clássico, Medieval e Neolatino organiza um colóquio sobre «Um centenário de Estudos Latinos em Groningen (1877-1977)», dedicado à obra de E. Baehrens, W. A. Baehrens, J. van Wageningen, H. Wagenvoort, P. J. Enk e R.E.H. Westendorp Boerma.

M.H.R.P.

A TRADIÇÃO CLÁSSICA NAS AMÉRICAS

O Instituto da Tradição Clássica do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Boston, em ligação com o centro do *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt (ANRW)*, prepara um projecto de grande envergadura sobre a recepção da Antiguidade Clássica nos Estados Unidos, Canadá e América Latina. Nesta última está convidado a colaborar o Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho que faz parte da «Comissão Consultiva» (*Advisory Board*), de apoio aos editores, Profs. J. R. Fears, W. Haase e M. Reinhold.

O trabalho está previsto como uma espécie de continuação do *ANRW* e terá um plano semelhante.

M.H.R.P.

2.^a REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS EM BELO HORIZONTE

O Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, promoveu, em 1984, o I Congresso Nacional de Estudos Clássicos (cf. *Humanitas* XXXV-XXXVI, 1983-84,

401-403), do qual partiu a criação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

A esse mesmo Departamento coube organizar, de 24 a 28 de Agosto de 1987, a II Reunião Anual da mesma Sociedade. A comissão, constituída por Jacyntho Lins Brandão, Neiva Ferreira Pinto e Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, todos da UFMG, não se poupou a esforços para atrair participantes das mais variadas Universidades e Estados brasileiros, e até de outros países, como José Riquelme Otálora, de Zaragoza, e a signatária destas linhas. Outro português apresentou comunicação, o Doutor João Pedro Mendes, mas esse na qualidade de professor da Universidade de Brasília.

Tema central era «Ciência, cultura e sociedade: para uma arqueologia do imaginário», que se desdobrava em múltiplas vertentes, como «arqueologia e cultura material», «antropologia», «a mulher», «a morte», «filosofia», «ciências exactas, ciências da natureza e tecnologia», «história», «mito e religião», «literatura», «teatro», «língua», o que permitiu a colaboração de especialistas dos mais variados domínios do saber. À margem do Congresso, funcionaram ainda cursos sobre Literatura Sânscrita (pelo grupo de Sânscrito da Universidade de São Paulo, que tem nada menos de seis docentes na área), Arqueologia Clássica, Aristóteles e Literatura Hebraica.

Na impossibilidade de fazer referência pormenorizada a tantas realizações, seja-nos permitido destacar, de entre aquelas a que pudemos assistir, a sessão sobre o Ensino do Latim, pela riqueza e oportunidade do debate suscitado (e recorde-se que, no decorrer do Congresso, se fez o lançamento do novo compêndio *Latim Fundamental*, em dois volumes, por Oscarino da Silva Ivo, António Martinez de Rezende e Johnny José Mafra), e as intervenções do grupo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, da direcção da conhecida especialista, Prof. Haiganuch Sarian.

Dos complementos culturais desta manifestação, é de referir uma representação de *Antígona* baseada num texto tríplice, de Sófocles, Hölderlin e Brecht, pela Companhia Sonho e Drama, de São Paulo, sob a direcção de Carlos Rocha. Se algumas soluções, como a visualização das libações de Antígona sobre o cadáver de Polínicos, atingiram apreciável valor estético, outro tanto não se pode dizer do andrógino que simbolizava, de forma equívoca, os horrores da guerra, nem tão-pouco é fácil concordar com a interpretação de Hémon como um jovem indeciso entre o amor e o poder, tudo isto num conjunto

que, pela predominância do gesto e do movimento, tinha mais de mimo do que de drama. Foi, no entanto, uma experiência curiosa assistir a este espectáculo, inteligentemente completado por uma mesa redonda, coordenada pelo Prof. Jacyntho Lins Brandão, em que, além de vários helenistas, participaram o director da companhia e um dos actores.

Uma outra sessão de teatro de carácter especial e de êxito indiscutível foi a representação, segundo o texto de um professor da Universidade de Tübingen, o grande helenista Walter Jens (traduzido para português por Jacyntho Lins Brandão), de um diálogo entre Sófocles e Brecht, imaginado como uma entrevista radiofónica, em que os dois dramaturgos criticam, cada um, a versão de *Antígona* do outro.

Tudo isto diz muito do esforço que presentemente se faz no Brasil pelo renovamento dos Estudos Clássicos, esforço esse em que o grupo da Faculdade de Letras de Belo Horizonte tem um papel fundamental.

M.H.R.P.

I CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Subordinado ao tema «Discurso e Ideologia», realizou-se, de 14 a 18 de Setembro de 1987, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, este congresso, onde, naturalmente, podiam caber todas as literaturas, línguas e culturas.

Voltado predominantemente para outras épocas, não deixou de dar o devido relevo à Antiguidade Clássica, graças à existência de um Departamento cheio de entusiasmo na Faculdade organizadora. Entre tantas dezenas de comunicações, contámos pelos menos nove situações dentro desta área, que iam desde Heródoto e Aristófanes até Juvenal, e duas mesas redondas. Ainda na parte clássica, e precedendo este congresso, realizou-se, durante uma semana, um seminário sobre lírica grega, a cargo da signatária destas linhas.

M. H. R. P.

CONGRESSOS HUMANÍSTICOS

Além dos já mencionados separadamente neste volume, realizaram-se, entre muitos outros, durante o ano de 1987, congressos periódicos especializados, como o do Drama Antigo, nesse ano consagrado às «Estruturas da comédia grega» (Siracusa, 25-28 de Março), ou o de Teofrasto de Ereso, desta vez subordinado ao tema «Conhecimento do Perípato em Cícero» (Saarbrücken, 21-24 de Julho); ou então de carácter interdisciplinar, como o histórico-geográfico, dedicado a «Espaço e população na antiga cultura de cidades» (Stuttgart, 6-10 de Maio), que reuniu historiadores da Antiguidade, geógrafos, orientalistas, arqueólogos, epigrafistas, engenheiros, pedagogos, historiadores da ciência.

Em 1988, salientamos «A transição do Micénico para o alto arcaísmo: do palácio à cidade» (Roma, 14-19 de Março); a 3.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (Rio de Janeiro, 25-29 de Julho), consagrada a «Palavra e pensamento na Antiguidade Clássica»; o Encontro Trienal das Sociedades Gregas e Romanas britânicas (Oxford, 25-29 de Julho); o Colloquium Didacticum Classicum (Salzburg, 26-30 de Setembro).

Numerosos outros congressos estão anunciados para 1989, desde os de carácter geral, como o II Congresso Nacional de Estudos Clássicos e IV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em São Paulo (25-29 de Setembro) e o IX Congresso da Federação Internacional de Estudos Clássicos, em Pisa (23-30 de Agosto), aos altamente especializados, como «Estruturas formais dos *Moralia* de Plutarco», em Palermo (3-5 de Maio), «A retórica na Antiguidade e o seu papel na época moderna», em Göttingen (26-29 de Julho), «O *Fedro* de Platão», em Perugia (1-6 de Setembro), «Textos médicos latinos antigos», em Saint-Étienne (11-13 de Setembro), «A pintura mural romana», em Colónia (20-23 de Setembro). Saliente-se ainda o Colóquio em memória de Pierre Chantraine, a realizar em Grenoble, de 5 a 8 de Setembro, sobre «A língua e os textos em grego antigo».

M. H. R. P.

REPRESENTAÇÕES DE TEATRO ANTIGO

Para além de notícias dadas noutra local deste volume, merecem referência as representações, no teatro antigo de Segesta, da *Medeia* de Séneca e do *Eunuco* de Terêncio (Julho e Agosto de 1987); e do *Ájax* de Sófocles e de *As Nuvens* de Aristófanes, no teatro grego de Siracusa (21 de Maio a 26 de Junho de 1988).

Para Março de 1989, estão anunciadas as já tradicionais representações no original grego, no Arts Theatre de Cambridge, desta vez com *As Bacantes* de Eurípides.

M. H. R. P.

IN MEMORIAM DE CHRISTINE MOHRMANN

A 13-7-1988 faleceu em Nijmegen (Holanda) a Prof.^a Dr.^a Christine A. E. Mohrmann. Nasceu em Groningen, no Norte do País, a 1-8-1903. Nos primeiros dias de Abril de 1961 visitou Coimbra, patrocinada pelo Instituto de Alta Cultura, e proferiu na Faculdade de Letras duas conferências: *Les relations entre culture profane et culture chrétienne aux premiers siècles de notre ère*, publicada depois na *Revista Portuguesa de Filologia*, (12, 1962, p. 1-16) e *Les innovations sémantiques dans le grec et le latin des chrétiens*, recolhida na *Humanitas* (13-14, 1962, p. 322-335). Enviado pelo Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra, frequentámos nós em Nimega, durante dois anos (1965-1967), os seus cursos de Grego dos Cristãos, Latim dos Cristãos e Metodologia do Latim e do Grego. Sob a sua responsabilidade decorria também o curso de Latim Medieval, que ela acabara de confiar ao professor extraordinário doutor Louis Engels. De passagem, devemos mencionar também a recomendação que levámos para o Prof. Dr. B. E. Vidos, cujo curso de Latim Vulgar seguimos no primeiro ano, por indicação do Prof. Dr. Manuel de Paiva Boléo. O convívio com a Prof.^a Dr.^a Ch. Mohrmann, que mensalmente nos recebia em sua casa, não podia deixar de exercer influência na nossa

formação linguístico-literária e, consequentemente, nos cursos de Latim que depois disso nos têm sido confiados.

Tendo frequentado o 1.º ano de Filologia Clássica na Universidade Real de Utreque, logo no 2.º ano Ch. Mohrmann passou para Nimega, quando, em 1923, se inaugurou esta Universidade Católica. Pela sua inteligência, aplicação e vivacidade tornou-se a discípula e depois a mais próxima colaboradora do Prof. Dr. Joseph Schrijnen, que, por essa altura, já estava fazendo o seu percurso desde a linguística indo-europeia à geografia e sociologia linguística, até chegar ao conceito de grego e latim dos cristãos como «língua de grupo». Assim nasceu a *École de Nimègue* (como a Prof.^a Mohrmann gostava de dizer, em vez de *Nijmeegse School*), tendo como «manifesto» a obra de Jos. Schrijnen, *Charakteristik des Altchristlichen Latein*, com que abriu a série *Latinitas Christianorum Primaeva*, que a Prof.^a Ch. Mohrmann passou a dirigir após a morte do seu Mestre (26-1-1938).

A preparação científica e a argúcia crítica de Ch. Mohrmann manifestaram-se tanto nos seus estudos linguísticos como literários. Tendo iniciado a sua colaboração na revista *Neophilologus* em 1928, doutorou-se em 1932 com a tese *Die altchristliche Sondersprache in den Sermones des hl. Augustin* (LCP, 3). Depois de vários outros trabalhos (entre os quais uma recensão a Carlos da Silva Tarouca, *S. Leonis Magni epistolae contra Eutychis haeresim*) publicou, de colaboração com Jos. Schrijnen, em 1936, *Studien zur Syntax der Briefe des hl. Cyprian*, de que em 1937 saiu o 2.º volume (LCP, 5 e 6).

Em 1936 foi convidada para ensinar Latim Medieval em Utreque, como assistente, passando em 1942 a professora extraordinária. Apesar de em 1938 ter logo sido proposta para suceder a Mons. Schrijnen, parece que foi recusada, «por ser mulher»! Em 1946, depois de ter dado lições clandestinas durante a Guerra, foi convidada oficialmente para a Universidade Municipal de Amesterdão. A lição pública de abertura do seu curso saiu em 1947, em neerlandês, *Laatlatijn en Middeleeuwsch Latijn*. Aqui foi promovida, em 1955, a professora extraordinária, lugar que ocupou até à reforma, em 1973.

Entretanto, e finalmente, em 1952 (havia morrido Mons. Diepen, bispo de Den Bosch, diocese a que pertence Nijmegen) foi convidada para professora catedrática de Grego e Latim dos Cristãos (Língua e Literatura) e de Latim Medieval na *Vniuersitas Carolina Nouiomagensis*. Com o seu magistério em Nimega intensificam-se os seus

estudos, começam os doutoramentos por ela promovidos (mais de 20) e percorre universidades por todo o mundo culto, a fazer conferências.

Das suas obras, em volumes separados, lembramos: *Tertullianus. Apologeticum en andere geschriften uit Tertullianus' voor-montanistische tijd* (1951); *L'Ordinaire de la Messe* (de colaboração com Dom B. Botte), texte critique, traduction et études (1953); *Latin vulgaire, Latin des chrétiens, Latin Médiéval* (1956); *Liturgical Latin: its Origins and Character* (1957); o monumental *Atlas van de oudchristelijke wereld* (1958), de colaboração com F. Van Der Meer, depois traduzido para inglês, francês e alemão; *The Latin of Saint Patrick* (1961), ampliado na tradução francesa incluída nos *Études* (IV, p. 311-366); etc.

Ch. Mohrmann foi também tradutora. Sob o título de *Annus Festinus* publicou, em 1935, uma antologia de textos sobre o ano litúrgico, tirados dos autores cristãos, livro que depois foi vertido para francês. Famosa é a sua tradução de Santo Agostinho, *Preken voor het volk*, com uma introdução de 72 páginas (1948). Neste mesmo ano publicou ela a tradução neerlandesa da obra do linguista francês J. Marouzeau, *Introduction au Latin*.

O intercâmbio de Ch. Mohrmann com os mais famosos linguistas era constante, pois, na sequência de Jos. Schrijnen, fez parte, durante décadas, do Secretariado Internacional Permanente de Linguistas, cujos relatórios redigia. Entre obras de projecção internacional referimos a sua colaboração na *Encyclopedia Britannica* e no *Lexikon für Theologie und Kirche*. Do mesmo modo, foi a editora, com Alf Sommerfelt e Joshua Whatmough, dos *Trends in European and American Linguistics 1930-1960*. Quando Arnaldo Mondadori, de Milão, pretendeu lançar a nova colecção *Vite dei Santi*, solicitou a direcção de Ch. Mohrmann. Só a introdução do I vol., *Vita di Antonio* (1974) tem 76 páginas. Foi consultora do Vaticano para a nova tradução da Vulgata. O Presidente da República Francesa concedeu-lhe a Légion d'Honneur.

Desde o 1.º número foi redactora da conceituada revista *Vigiliae Christianae* (1947). Atingiram os seguintes números as colecções de Nijmegen (Livraria Dekkers & Van De Vegt) por ela dirigidas: *Latinitas Christianorum Primaeva*, 22 (1972); *Graecitas Christianorum Primaeva*, 6 (1977); *Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva. Supplementa*, 3 (1970) — estes últimos constituídos por artigos dos seus alunos mais classificados. Além disso, antigos alunos e colaboradores ofereceram-lhe duas *Mélanges*, uma quando Mohrmann fez 60 anos

(1963) e outra quando se jubilou (1973), tendo nós tido a honra de nesta última colaborar.

São muito numerosas as revistas que publicaram os seus artigos e conferências. Esse enorme repositório de saber andava disperso, pelo que teve pleno êxito a iniciativa das Edizioni di Storia e Letteratura, de Roma, ao recolher uma grande parte nos 4 volumes até agora saídos dos *Études sur le Latin des Chrétiens* (1958, 1961, 1965, 1977). Impossível referir os temas tratados. Cada volume divide-se por secções, de que realçamos: *études générales sur la latinité chrétienne, le latin liturgique, le latin tardif et médiéval, études sémasiologiques, études lexicologiques, le monachisme le plus antique, études sur la langue et le style d'auteurs chrétiens, the latin of saint Patrick, études sur auteurs médiévaux*. Além de uma excelente caracterização da «Escola de Nimega», sobretudo no que se refere ao vocabulário e à sintaxe, há aqui preciosas notas literárias e estilísticas sobre autores como Tertuliano, Ausónio, Egéria, Ambrósio, Agostinho, Bento de Núrsia, Boécio, Gregório Magno e Bernardo de Claraval. Também o grego da Antiguidade Cristã e a liturgia são largamente contemplados. Pela sua natureza e pelo êxito da casa editora, os 4 volumes dos *Études* estão destinados a ser a obra da Prof.^a Dr.^a Christine Mohrmann que mais vai perdurar.

Como acontece a todos os grandes professores, uma outra maneira de sobrevivência da Prof.^a Ch. Mohrmann é a acção científica e de convivência humana que exerceu sobre todos os seus alunos, mas sobretudo entre os que preparou para o doutoramento. A esses, como todos reconhecem, ela tratava-os com particular atenção, fossem holandeses, alemães (ela que fora uma resistente anti-nazi), italianos, franceses, espanhóis, portugueses ou os de língua inglesa, principalmente irlandeses e americanos. Naturalmente que cada um terá para contar alguns aspectos pessoais do convívio com a Prof.^a Christine Mohrmann, no acolhimento que fazia na sua casa de Sint Annastraat, 40. Por nossa parte, tendo continuado a manter uma correspondência regular, pelos menos no Natal e na Páscoa, guardamos também com saudade os seus autógrafos, sempre rápidos. E terminamos precisamente com os das suas lições de despedida que, na versão holandesa, são algo diferentes do que veio a ser impresso na tradução francesa dos *Études* (IV, 73-89 e 91-110), ou seja, traduzindo: *O estudo do Latim Medieval. Passado, actualidade e futuro*, em Amesterdão, a 10-11-1973;

e *O estudo do latim e do grego da Antiguidade Cristã. Passado, actualidade, futuro*, despedida em Nimega a 14-12-1973.

Sobreviveu a Prof.^a Christine Mohrmann durante quase quinze anos à sua jubilação. A morte veio colhê-la a 13 de Julho de 1988, em pleno tempo de férias, o que tornou o acontecimento, nessa altura, quase desconhecido. Mas a Universidade de Nimega prestou-lhe a 31 de Março de 1989 a homenagem académica e litúrgica a que tinha justo direito. Aguardamos a publicação desses três discursos comemorativos.

JOSÉ GERALDES FREIRE

TOPONÍMIA, HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

NUMA CARTA DE D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES

D. Frei Amador Arrais, que foi bispo de Portalegre de 1582 a 1596, escreveu depois, no seu regresso a Coimbra, os célebres *Diálogos*, que são um manancial extraordinário de erudição, incluindo a cultura clássica. No *Diálogo Quarto*, intitulado *Da glória e triunfo dos Lusitanos*, transcreve mesmo algumas inscrições relativas ao domínio romano, uma delas encontrada na cidade de Portalegre.

Pouco depois, terminava o capelão do cabido da Sé, Diogo Pereira de Sotto Maior, o *Tratado da Cidade de Portalegre*, recentemente editado pelo antigo aluno de Coimbra, Dr. Leonel Cardoso Martins (IN-CM, 1984), em que os primeiros três capítulos tratam da História Antiga, incluindo a transcrição de duas inscrições.

D. António Ferreira Gomes foi nomeado Bispo Coadjutor de Portalegre em 1948, tendo passado, de 6-7-1949 a 14-9-1952 a bispo residencial. O seu nome é mais conhecido como Bispo do Porto (1952-1982), sendo geralmente considerado como um grande pensador e humanista. Menos notado terá sido o seu interesse pela Filologia e pela Arqueologia.

As suas variadas obras publicadas — excepto a última, por ele expressamente organizada, a que deu o nome de *Cartas ao Papa* — são fruto da compilação de discursos, homilias e artigos que iam ficando

dispersos por jornais e revistas. Mais difícil será recolher as suas cartas particulares, em que revela as suas preocupações de letrado.

A última carta que nos escreveu merece ser transcrita na íntegra. Tomando como ponto de partida o agradecimento de três separatas nossas, que distribuimos em Julho de 1988, o sr. D. António Ferreira Gomes aproveita a oportunidade para tratar três temas:

— a toponímia pré-indo-europeia da região de Penafiel, seu concelho natal;

— a localização dos Pequenos Hermínios da época de Viriato e sua possível identificação com a região da Aramenha (Marvão), terrenos que conheceu não só das visitas pastorais, como também dos seus passeios de interessado pela História;

— a fundação de Valência (junto ao Mediterrâneo) com os antigos combatentes de Viriato.

Transcrevemos, pois, na íntegra, a última carta que recebemos do sr. D. António Ferreira Gomes:

Meu Caro Amigo Doutor Geraldês Freire

Recebi e agradeço as duas separatas que me dedicou e enviou. Especial interesse mereceu a que se intitula Enigmática Inscrição de Santiago. A minha avó paterna era de Beire e nessa freguesia têm interesses materiais alguns membros da minha família; em razão disto alguma vez subi a encosta até à Capela de São Tiago e vi a enigmática inscrição que agora vejo interpretada. Muito obrigado.

Aproveito a ocasião para enviar uma separata da Revista Confluência que se publica em Penafiel na qual procurei chamar a atenção para a via toponímica do substrato pré-indoeuropeu da alguma toponímia nossa que não me consta tenha sido estudada por autores portugueses. Pouco mais poderá interessar fora da minha região penafidense.

Permito-me falar ao meu caro Amigo numa outra questão que me tem interessado, especialmente desde o tempo de Portalegre e que já agora não posso fazer mais que deixar ao cuidado de quem saiba e possa mais, como é o caso do meu bom Amigo.

Eis aqui alguns dos principais pontos desse problema:

1 — *Quando estava em Portalegre, se bem me lembro, (ou antes) li que o humanista, arqueólogo e historiador André de Resende escrevera que Viriato e os seus companheiros não tinham tido como base de operações os Hermínios maiores (Serra da Estrela) mas sim os Hermínios menores*

que seriam os montes de Portalegre, a saber, a Serra de São Mamede, Marvão e Castelo de Vide. André de Resende daria como razão que a Serra da Estrela e os seus contrafortes constituíam uma região inhóspita, onde mal se podia viver e muito menos preparar expedições como aquela que Viriato fez quase até ao meio da Península Ibérica. Não sei se o célebre humanista indicava outras razões; a mim porém ocorreram-me factos que militam no mesmo sentido e a seguir indico os principais de que fui testemunha.

2 — Em determinada ocasião, a caminho de Marvão, parei na base, examinando os restos arqueológicos de Aramenha. Estava ali um rapazito dos seus 10 ou 12 anos, a quem perguntei como se chamava aquele sítio, além levemente elevado, então plantado de oliveiras. O rapazinho respondeu-me: acolá é o monte Arminho. Como eu lhe perguntasse como sabia, respondeu-me que ali toda a gente lhe chamava assim.

3 — Um senhor João Gordo, de Castelo de Vide, que não sei se o Doutor Geraldês conheceu, fez-me chegar, por um intermediário (talvez o Padre Albano Vaz Pinto) uma moeda de ouro que tinha numa das faces a palavra ARMEN e na outra face a figura dum guerreiro em atitude de rendição (sentado no chão com a mão direita apoiada sobre o solo e a esquerda segurando um arco relaxado com uma seta pendente). Os traços da figura, se bem me recordo e bem interpretei, eram femininos. Esse e outros factos fizeram-me especular sobre a etimologia de Aramenha.

4 — À falta de melhor explicação, creio que se pode ligar esse nome com os dois anteriormente indicados. Assim teríamos ARMEN — Arménia — Armínia — Arminho — Aramenha (ou Hermínios na perversão erudita). Que nos apareça o a intermédio na linguagem popular poderia interpretar-se como influência da palavra ara (de uso corrente tanto em latim como em português).

5 — O meu Amigo terá estado em Valência depois que transformaram a praça em frente da fachada norte da Catedral e da Capela da Virgem dos Desamparados, na sua forma actual. Sobrelevaram o pavimento de forma que nenhum veículo pode agora passar por aquele local que era dos mais movimentados da cidade e que agora é uma esplanada para passagem e passeios a pé. Pois ao centro dessa esplanada encontra-se uma lápide, uns três degraus abaixo do nível da praça, de conteúdo muito curioso. Copiei-o, ou melhor, fiz copiar pelo Senhor Cônego Rebelo, esse texto que devo ter no meio dos meus papéis (se não foi com os do Senhor Cônego) mas que agora não posso encontrar. No

entanto posso dizer, de memória, que continha o seguinte: «O divino D. G. Bruto aos que combateram sob as ordens de Viriato e que pediam terras para cultivar, fez vir para aqui e confiou-lhes estas terras e assim nasceu a cidade de Valência».

Esta inscrição fez-me lembrar aquilo que várias vezes disse na Generalidad e noutras ocasiões a várias personalidades da vida cívico-política de Valência, a saber, que pensavam numa referência do historiador romano Suetónio, conservada em resumo de Tito Lívio (?), segundo a qual os conquistadores romanos, morto à traição Viriato, teriam mandado os lusitanos vencidos para Valência. A mim, comentava, que me parecia não poder ser outra Valência senão a do Mediterrâneo. Não me pareceu estarem muito ao corrente dessas notícias dos historiadores romanos. Agora que vejo essa afirmação rotunda em lápide da praça, não sei dizer se terão tido outras notícias; seria o caso de se informar.

Desculpe, meu caro Amigo, tê-lo maçado com estas singularidades. Mas creio bem que assuntos desta natureza mereciam bem uma exploração documental e local para nos compreendermos melhor na nossa proto-história.

Com a mais subida consideração e profunda amizade, sou seu muito dedicado

† António, Bispo Resignatário do Porto

A carta do sr. D. António Ferreira Gomes não deve ser comentada e estudada aqui.

Gomes Penafiel foi o nome (um seu velho pseudónimo) com que assinou o artigo *Penafiel*. *Apontamentos de alguma toponímia regional*, saído no n.º 3 da revista *Confluência*, em 1987, infelizmente com muitas «gralhas», umas corrigidas em errata impressa, outras em errata dactilografada na separata que nos ofereceu, paginada de 1 a 23.

O problema dos Pequenos Hermínios e da Aramenha é tão complexo que deixamos aqui o apontamento do sr. D. António não só aos leitores e comentadores de André de Resende, como ainda aos arqueólogos.

Quanto às origens de *Valencia del Cid*, vemos que não teve o sr. D. António Ferreira Gomes, que naquela cidade passou parte dos primeiros três anos do seu longo exílio — colaborando apostolicamente na visitas pastorais com o Arcebispo local — não teve (dizíamos) oportunidade de aprofundar a História antiga dessa cidade. Historiadores e arqueólogos já há muito aproveitaram os elementos por ele tão atentamente guardados na memória. Aliás, também o seu

antecessor como Bispo de Portalegre, D. Frei Amador Arrais, no *Diálogo Quarto*, consagra o capítulo XV ao tema: *Que os soldados de Viriato fundaram a cidade de Valença de Aragão, e Bruto conquistou os lugares dantre Douro e o Minho*.

O atraso com que escrevemos este comentário permite-nos referir a morte do sr. D. António Ferreira Gomes, a 13 de Abril de 1989. A transcrição da última carta que dele recebemos fica, pois, aqui como homenagem à sua memória.

A Fundação Eng. António de Almeida, do Porto, instituiu, em 1983, um prémio para uma monografia sobre o pensamento de D. António Ferreira Gomes. Uns estudarão a Teologia, outros a Sociologia, outros a Política, outros a Filosofia. Estamos certo de que não encontraria falta de materiais quem estudasse a sua Cultura Clássica, sobretudo a filosófica, mas também a literária e, como deixámos apontado, também a filológica e arqueológica.

JOSÉ GERALDES FREIRE

CARDEAL DE LUANDA COM VIRGÍLIO À CABECEIRA

No dia 10 de Dezembro de 1988, manhã cedo, encontrávamo-nos na casa paroquial do Coração de Jesus, no centro de Lisboa, quando deparámos, já a escrever, com o Cardeal D. Alexandre do Nascimento, Arcebispo da Luanda. Quando lhe dissemos que nos preparávamos para ir argumentar uma tese de Mestrado de Latim Medieval, interrompeu-nos, com decisão:

— *Eu leio Virgílio todos os dias!*

Não conseguimos disfarçar alguma surpresa. Apercebendo-se da nossa admiração, levou-nos ao seu quarto, dirigiu-se à mesinha de cabeceira e pegou num livro de pequeno e grosso formato: — eram as *Oeuvres de Virgile*, texto latino, da Librairie Hachette. Com a naturalidade de quem tem uma Bíblia ou um «Livro de Horas» na intimidade dos seus aposentos, o Cardeal Alexandre do Nascimento abriu o seu Virgílio e mostrou-nos algumas páginas. O livro tinha

signais de ter sido muito usado. Muitos versos do Poeta de Mântua, aqui e ali, estavam sublinhados a tinta!

Conversámos um pouco sobre o valor do Latim e do Grego e sobre o seu ensino, em Portugal e em África. E rematou o Cardeal Arcebispo de Luanda:

— *Gosto muito da Eneida! Das Geórgicas gosto menos!*

Aprovando o elogio da *Eneida*, chamámos a atenção para a importância das *Geórgicas*, ... mesmo para o desenvolvimento da agricultura em Angola! É que nos ocorreu então a obra de Ruy Mayer, *As Geórgicas de Virgílio. Versão em prosa dos três primeiros livros e comentários de um agrónomo* (Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1948). A tese de R. Mayer é que só um bom técnico é capaz de traduzir as *Geórgicas* com rigor; e que só um agrónomo será capaz de apreciar devidamente todo o saber de Virgílio sobre a vida do campo.

Quando contámos ao Prior da igreja do Coração de Jesus o que se passara, conjecturou ele:

— Naturalmente o Sr. Cardeal foi professor de Latim, no Seminário de Luanda, durante muitos anos! E em África há menos preconceitos contra o Latim do que em Portugal!

Podíamos terminar aqui o nosso comentário. Entretanto, foi-nos possível ler um brevíssimo *curriculum* do Cardeal Alexandre do Nascimento. Nascido em Malanje em 1925, frequentou os seminários de Luanda, ordenou-se em 1952 e formou-se em Filosofia e Teologia, em Roma. Ensinou em Luanda. Veio exilado para Portugal. Aqui formou-se em Direito Civil, em Lisboa. Após a independência de Angola, foi eleito Bispo de Malanje em 1975; em 1977 foi elevado a Arcebispo do Lubango (Sá da Bandeira); foi capturado e esteve refém da UNITA. João Paulo II intercedeu por ele. Depois conheceu-o pessoalmente. Foi criado Cardeal em 1983. Desde 1986 é Arcebispo de Luanda. Na Cúria Romana é o Presidente da Cáritas Internacional. Deu a lume várias publicações. Uma delas, que recolhe poemas de fina sensibilidade, escritos desde a sua mocidade, intitula-se *Pequeno Livro de Nossa Senhora* (Lubango, 1980). Apetecia-nos transcrever o poema «Com aquele teu jeito de me dizer as coisas», tão delicado, penetrante e belo ele é!

O encontro ocasional com o Cardeal Nascimento e a verificação de que ele dorme, mesmo em viagem, com Virgílio à cabeceira, veio recordar-nos o interesse das comunicações que no Congresso Internacional sobre as Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do

Universal, realizado em Coimbra, de 11 a 16 de Abril de 1988, produziram vários dos participantes africanos: L. S. Senghor (*Actas*, 1988, p. 77-84), J.-P. Bassène, do Senegal (p. 561-569); B. Pinto Bull, da Guiné-Bissau (p. 595-606) e D. N. Alipui, do Togo (p. 607-626). Todos, na esteira do corifeu, o antigo Presidente do Senegal, Léopol Senghor, foram unânimes em que, se a África quer ter assento no mundo da cultura, deve deixar-se imbuir das humanidades clássicas; e, mais ainda, mostraram que muitos dos valores tradicionais africanos, e mesmo ditados e modos de dizer, correspondem a costumes descritos pelos grandes autores gregos e latinos. África e Mundo Antigo não são incompatíveis!

Perante estes testemunhos de africanos de formação francesa (excepto o guineense-português Pinto Bull), dá vontade de pedir ao Cardeal Alexandre do Nascimento que venha fazer-nos uma comunicação sobre a Cultura Clássica e os PALOPS (é assim que se designam agora os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa!) ou então, simplesmente, com o título: — *Porque leio Virgílio todos os dias?*

JOSÉ GERALDES FREIRE

CITAÇÕES LATINAS EM EX-LIBRIS

Em Julho de 1988, realizou-se em Coimbra o VIII Encontro Nacional de ex-libristas. Para essa ocasião, elaboraram o sr. Rui Fernando Palhé da Silva (que forneceu a maior parte das gravuras para a exposição) e o dr. Joaquim Tomás Miguel Pereira um valioso volume, publicado pela Câmara Municipal de Coimbra, assim dividido:

— *Preâmbulo*: autêntica história do ex-librismo e com noções da «ciência do ex-libris» (p. VII-XI);

— *Ex-libristica conimbricense*, com indicação dos artistas (entre os quais se contam António Augusto Gonçalves, Augusto Nunes Pereira, Alfredo Fernandes Martins e Fernando de Freitas Coroadó) e dos possuidores de ex-libris (p. 3-69);

— *Reprodução de gravuras*, sem paginação, mas com indicação do seu número no catálogo;

— *Utentes*, divididos entre instituições e colectividades e pessoas individuais (p. 71-144);

— *Temáticas*, que incluem referências a artistas contemporâneos, às flores e o ex-libris, e a «quixotesca» (p. 145-146);

— *Addenda e bibliografia* (p. 147-152);

— *Índices*: de legendas e onomástico (p. 155-180).

É precisamente o *índice das legendas* que, neste momento, desperta o nosso comentário. Verificamos que entre as divisas escolhidas pelos ex-libristas aqui apresentados, a par de muitas em português e noutras línguas modernas, 104 são em latim. Destas, algumas são um simples advérbio, um infinitivo, um imperativo ou um substantivo e adjectivo. Mas outras são pensamentos, talvez originais do coleccionador de livros. Outras ainda são pensamentos com certa tradição na história literária. Finalmente, há as citações explícitas, umas tiradas da Bíblia, outras mais ou menos fiéis ao texto original de autores clássicos.

Daria um longo trabalho identificar quanto possível a origem destas 104 legendas latinas. Nós sabemos quanto isso custa, pois durante anos tivemos debaixo de olho a *Identificação das Citações Latinas do Dicionário da Língua Portuguesa da «Porto Editora»* (Porto, 1983), tendo connosco colaborado o doutor Francisco de São José de Oliveira. Recolhemos então abundante bibliografia, em bibliotecas nacionais e estrangeiras, sobre pensamentos e citações em latim. De concreto resultou a aquisição de três obras de que nos vamos servir agora para tentar reconhecer a origem clássica de algumas citações destes ex-libris.

Além da nossa *Identificação de Citações*, temos à mão, por ordem de edição: S. W. F. Margadant, *Twintig Duizend Citaten*, Antwerpen-Amsterdam, Uitgeverij C. De Vries-Brouwers, 1964; *The Concise Oxford Dictionary of Quotations*, Oxford University Press, 1980; e Víctor-José Herrero Llorente, *Diccionario de expresiones y frases latinas*, Madrid, Editorial Gredos, 1980.

Deixamos agora de lado todas as citações bíblicas, explícitas ou implícitas. Como nenhuma citação traz indicação de fonte, tentamos apenas, com os quatro instrumentos de trabalho acabados de indicar, estabelecer a origem, o mais situada possível, das citações que nos parecem tiradas de autores clássicos:

Ars longa uita brevis (Séneca, *Brev. Vit.* 1,1; que é a tradução latina de um pensamento atribuído a Hipócrates, *Aphorismi* 1,1: *ὁ βλος βραχύς, ἡ δὲ τέχνη μακροή;*

Carpe diem (Horácio, *Od.* 1,11,8);
Habent sua fata libelli (Terêncio Mauro, 218);
Labor omnia uincit improbus (Virgílio, *Georg.* 1,145-146);
Nulla dies sine linea (Plínio, *Hist. Nat.* 35,84 ou 35,36,12: pensamento atribuído ao pintor Apeles);
Omnia uincit amor (Virgílio, *Buc.* 10,69).

Muitas outras lendas despertam a nossa atenção e até a desconfiança de que são de matriz clássica. Para favorecer o bom humor (e também porque *castigat ridendo mores* — palavras de Santeul) aqui deixamos um ex-libris que ficava bem em quase todas as bibliotecas públicas (corrigido apenas o nome do proprietário): *Este livro he de Augusto Nunes Pereira. Quem o achar / lho torne a dar, quando não, / ao Inferno o irá pagar / de cambalhotas para o ar.*

JOSÉ GERALDES FREIRE

AS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA. NOTÍCIA DA SUA IDENTIFICAÇÃO

Em fins de 1987 escavações arqueológicas no edifício da Câmara Municipal de Évora — fruto de uma feliz cooperação entre a Autarquia e o Serviço Regional de Arqueologia do Sul (I.P.P.C.) — conduziram à identificação de estruturas pertencentes a um complexo balnear de época romana cuja dimensão nos obriga a considerar como sendo parte integrante das termas públicas de *Ebora Liberalitas Julia*.

A investigação limitou-se, até à data, à escavação de uma sala de planta circular, coberta por uma abóbada de nervuras em estrela, de datação seiscentista (1), ocupada pelo arquivo municipal depois de

(1) ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal — Concelho de Évora*; T. VII, Vol. I; Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, p. 250.

ter deixado de servir como sala de reuniões da vereação (no Séc. XIX). Este facto reveste-se de toda a importância pois permite-nos traçar a história do edifício romano, que sobrevive hoje, com alçados conservados até aos tectos do piso térreo, sem que a sua planta tenha sido substancialmente desfigurada por demolições ou justaposições.

A sala em questão é por nós identificada com a torre da «Cerca Velha» anexa aos terrenos doados por D. Afonso V, em 1450, a Nuno Martins da Silveira, Escrivão da Puridade, ascendente dos Condes de Sortelha, proprietários do palácio que em 1886 foi adaptado a Paços do Concelho (2), sendo provável que esta torre da «Cerca Velha» fosse uma adaptação das construções das termas, já parcialmente destruídas e certamente já fora de uso (3), adaptação que será correcto datar da época Alto-medieval, até por critérios estratigráficos.

As estruturas detectadas são constituídas pelo tanque central do *laconicum*, vestígios das *suspensurae* e pelas paredes laterais, conservadas até ao tecto, com exedras e diversas aberturas destinadas à circulação do ar aquecido.

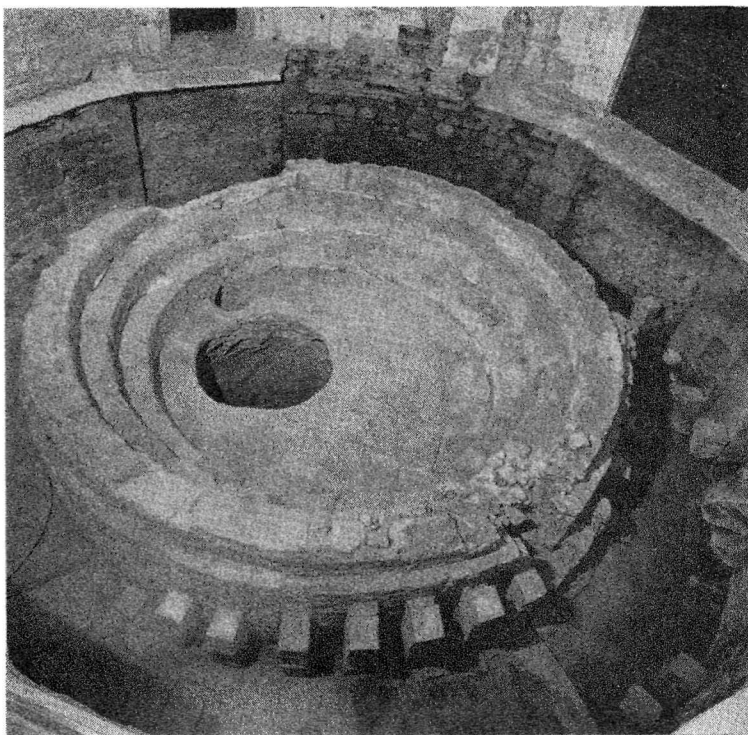
A sala cujo diâmetro é ligeiramente superior a 9 m tem no seu centro o tanque, com um diâmetro de 5 m, organizado em três degraus numa profundidade de 1,15 m, tendo o fundo um diâmetro de 3,80 m. O tanque é construído em tijolo, sendo todo o interior revestido de argamassas, colocadas em camadas sucessivas de diferentes texturas, de que a última, especialmente fina, conserva em toda a superfície os negativos do assentamento das placas de mármore que a revestiram e alguns grampos de fixação, em ferro e em bronze (um caso). O *hipocaustum*, de 1,5 m de largo, inclui as *suspensurae*, em número indeterminado (4), constituídas por arcos sobre pilares, construídos em tijolos

(2) ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal — Concelho de Évora*; T. VII, Vol. I; Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1966; p. 6.

(3) O aproveitamento de estruturas anteriores na construção das muralhas tardo-romanas, grupo em que se inclui a «Cerca Velha» de Évora, está amplamente documentado em todo o Império. Verifica-se também em outros pontos da cidade de Évora, com uma cronologia de fins do Séc. IV — inícios do Séc. V, segundo dados das escavações em curso no Palácio Gouveia, da responsabilidade do Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

(4) Profundamente destruídos, em alguns pontos, e sendo irregular a distância entre os pilares de arranque dos arcos, o número original destes não pôde ainda ser verificado.

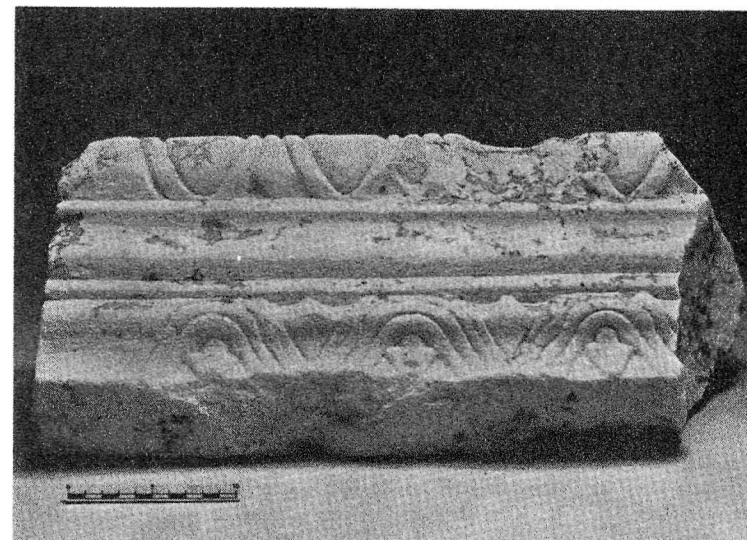
quadrangulares unidos com uma argamassa bastante fina, que assentam sobre o pavimento, também de tijolos, desta zona.



Termas romanas de Évora: tanque central do *Laconicum*

As paredes da sala são construídas, em tijolo, sobre uma base de *opus incertum* em granito local que sobe até à altura do pavimento suspenso, originalmente utilizável, do *laconicum*, oferecendo assim, na sua parte estrutural mais importante, uma maior resistência às elevadas temperaturas. Só nas esquinas das exedras o aparelho de granito se eleva, formando um cunhal bem aparelhado.

São as exedras o aspecto mais problemático desta sala, porque nenhuma foi ainda escavada (5). Estes espaços aproveitam a maior espessura das paredes criada no que, exteriormente, são os cantos da construção, tendo todas elas, em diversos momentos da história do



Termas romanas de Évora: fragmento de friso

edifício, sido aproveitadas, ou para estabelecer a circulação interna no edifício, talvez perfurando-as, ou como armários encastrados na parede. Não temos informações sobre a sua planta (que supomos semi-circular) ou sobre o seu remate (em abóbada hemisférica?). A sua organização é diferenciada, pelo menos a nível da base. As duas a Oeste são, aparentemente, simples; enquanto a Este as aberturas são organizadas sobre dois arcos de desigual vão e flecha, no geral mais largas e enqua-

(5) As dificuldades óbvias de conduzir escavações arqueológicas num edifício público que se mantém em pleno funcionamento são por demais compreensíveis.

drando o que parece ser a entrada original do *laconicum*, pavimentada a *opus signinum*, assente sobre um arco adintelado, em tijolo, que cria uma pequena abertura suplementar (6).

Os revestimentos da estrutura seriam, a avaliar pelos fragmentos recuperados, da maior beleza. Conservam-se ainda na estrutura do tanque fragmentos do revestimento a mármore branco, tendo sido recuperados abundantes fragmentos de frisos, com diversas modena-turas, dos quais um esculpido com óvulos e palmetas, separados por uma escócia lisa (7).

A cronologia deste monumento não está ainda determinada. Os dados até agora recolhidos apontam um *terminus ante quem* para o início da sua utilização no fim do Séc. I, podendo um período de destruição activa das estruturas, implicando certamente o fim da sua utilização como termas, ser colocado no fim do Séc. IV (8). Todas as estruturas até agora identificadas assentam directamente no granito da base, pelo que não existem dados definitivamente probatórios, ou sequer indiciadores, da cronologia da construção.

(6) A multiplicação das aberturas neste lado do *laconicum* leva-nos a supor que seria nesta direcção que se estenderia o resto do complexo balnear, podendo estas aberturas servir de circulação directa do ar aquecido entre este espaço e o *caldarium*. A Sul existe ainda uma outra abertura, que interpretamos como um *prae-furnium* suplementar.

(7) Recolheram-se, aliás maioritariamente, fragmentos de mármore de veios cinzentos e alguns fragmentos de colunas ou pilastras. Fragmentos de frisos em estuque, bem como estuques lisos, não podem ser atribuídos, nem estilística nem estratigraficamente, à construção romana. O mosaico parece estar ausente.

(8) Esta cronologia é indicada por recolhas de cerâmica nos pontos, poucos, onde a estratigrafia depositada em época romana não foi perturbada. Temos assim que surge, nos estratos arenosos do fundo das canalizações de esgoto de águas, cerâmica de datação Hadriânica, nomeadamente Terra Sigillata Clara A e nos vestígios dos escombros do pavimento e *suspensurae* recolhem-se grandes fragmentos de Terra Sigillata Clara D (terceiro quartel do Séc. IV), com cerâmicas comuns, cinzentas polidas, que dados estratigráficos de outras escavações em Évora permitem considerar coevas ou ligeiramente mais tardias.

A estratigrafia foi toda ela profundamente perturbada em períodos posteriores, nomeadamente pela intensa deposição de sedimentos e sucessivos revolvimentos no período árabe (cerâmicas de «corda seca» total) e, especialmente, um horizonte de revolvimento bastante intenso, datado do Séc. XV, que, não afectando a estrutura no seu todo, conduz no entanto à perfuração do silo de armazenagem (estrutura muito comum) no centro do tanque.

As termas de Évora, implantadas num ponto dos mais baixos do que se supõe ser a área da antiga cidade romana, teriam sido construídas segundo um plano cujos eixos concordam com os do Templo (9) e ao qual, aparentemente, também as construções privadas e a rua, romanas, detectadas ao palácio Gouveia (10) obedeceram. Fica em aberto o problema do abastecimento de água às termas, bem como a outros pontos públicos da cidade que necessitariam de uma quantidade de água dificilmente suprível por poços (11), de que não existem ainda dados que permitam vislumbrar a solução.

A prazo o desenvolvimento da arqueologia urbana em Évora, pesem embora as dificuldades inevitáveis, virá a responder a alguns destes problemas e, de caninho, a levantar outros tantos.

Évora, Serviço Regional de Arqueologia do Sul, 1988.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

(9) A verificação no terreno deste facto foi levada a cabo com a colaboração da delegação do *Deutsches Archaeologisches Institut*, por intermédio de Theodor Hauschild.

(10) Reportamo-nos novamente a dados inéditos da escavação aí dirigida pelo Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

(11) HAUSCHILD, Theodor, *Investigações efectuadas no templo de Évora em 1986*; in *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1/1986; Évora, Serviço Regional de Arqueologia do Sul, s.d.